

RELATO DE EXPERIÊNCIA*

A confecção de fanzines como ferramenta didática para a promoção das temáticas indígenas na educação básica

Gabrielle Batista Machado¹

Resumo:

Este relato pretende descrever a experiência didática desenvolvida durante as aulas de História e Sociologia para turmas de 3^a série do Ensino Médio na EEMTI Professor Plácido Aderaldo Castelo, escola pública localizada na periferia da cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Na ocasião, foi proposta uma oficina de confecção de fanzines, onde os estudantes elaboraram um material informativo e reflexivo sobre a decolonialidade, abordando as perspectivas indígenas sobre a sociedade, a política e o meio ambiente. Com esta atividade, esperou-se fomentar o debate sobre as temáticas indígenas na escola, em atendimento à Lei 11.645/2008, dando visibilidade a personalidades indígenas e suas lutas na contemporaneidade. Importante ressaltar que a escolha do material fanzine não foi ao acaso, mas sim fruto de seu caráter artesanal e do contexto de seu surgimento, enquanto elemento de contracultura, possibilitando a divulgação de ideias de grupos marginalizados e a circulação de conhecimentos de forma barateada e democrática. Enquanto metodologia de trabalho, optou-se por promover a cultura *maker*, possibilitando ao estudante a experiência de produção de conhecimentos. Como resultados, podemos apontar a participação ativa dos estudantes em seus processos de aprendizagem, a promoção da pesquisa científica e da produção de materiais autorais em torno das temáticas indígenas na escola, colaborando para combater preconceitos e estereótipos relacionados aos povos originários e dando visibilidade à causa indígena.

Palavras-chaves: Povos Indígenas; Fanzine; Metodologias Ativas.

Introdução

A Lei 11.645/2008 versa sobre a obrigatoriedade de abordar as temáticas indígenas na educação básica, ressaltando suas culturas, histórias e contribuições para a formação da sociedade brasileira. Entretanto, muitos são os desafios para a efetiva implementação da lei, desde a defasagem na formação inicial e continuada de professores das redes de educação básica, a falta de materiais didáticos de qualidade, a rigidez curricular das escolas e a invisibilidade dos povos originários na sociedade contemporânea, fruto de um apagamento histórico promovido por séculos de colonização e perpetuado até os dias de hoje.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora efetiva de História da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Fortaleza-CE. E-mail: gabmac167@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/834936727219779>.

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 5^a ED. 2025, ENTRE 22/02 A 12/04/2025.

Assim, tendo em vista a necessidade de fomentar o debate sobre as temáticas indígenas na escola de uma perspectiva decolonial e de dar visibilidade e protagonismo aos sujeitos que foram historicamente marginalizados, optou-se por promover uma oficina de confecção de fanzines, revistas artesanais de fácil produção e baixo custo, nas quais seriam abordadas questões indígenas contemporâneas: suas lutas, personalidades influentes e divulgação de artistas.

Enquanto ferramenta de contracultura, o fanzine se destacou principalmente entre punks e anarquistas no Brasil em meados das décadas de 1960 e 1970, servindo ao propósito de divulgar os ideais e as visões de mundo de grupos marginalizados, que não encontravam espaço na mídia oficial e não se reconheciam nos padrões impostos pela sociedade. Assim, o fanzine era uma das ferramentas encontradas para promover ideais alternativos e valorizar as identidades conflitantes e contrárias ao sistema.

Em termos didáticos, a confecção de fanzines promove a criatividade, o pensamento crítico e possibilita aos alunos participarem de forma direta de seus processos de aprendizagem. De acordo com Borba (2015), “os fanzines se apresentam como forma de experimentação de arte e conteúdo, de cidadania, ativismo político e ideológico que muitas vezes não é oportunizado aos alunos pelos conteúdos prontos e sistematizados nos currículos escolares do ensino médio” (BORBA, p. 2).

Desse modo, os fanzines são importantes instrumentos didáticos para a divulgação de ideias, para a síntese e a construção de conhecimentos, além de promover uma prática curricular mais flexível e incitar a cultura *maker* na escola. Para Gomes (2022), a cultura *maker* faz parte do rol de experiências didáticas conhecidas como metodologias ativas, que colocam os estudantes em contato com uma situação-problema, de modo a encontrar soluções criativas por meio da elaboração de materiais.

Nesse contexto, a atividade foi proposta como forma de decolonizar o currículo escolar e promover práticas dinâmicas e criativas para colocar os estudantes em contato com as temáticas indígenas. A oficina de fanzines foi aplicada em turmas de 3^a série do ensino médio da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Professor Plácido Aderaldo Castelo, escola pública localizada na periferia da cidade de Fortaleza, estado do Ceará.

A escola possui quatro turmas da referida série, identificadas pelas letras A, B, C e D, com uma média de 37 estudantes por turma, totalizando cerca de 148 alunos participantes da oficina. Aplicada em caráter de parceria entre as professoras de Sociologia e História, a oficina

também contou com o apoio do professor regente do componente Estudo Orientado², responsável pela contextualização e explicação do formato do material.

Objetivo Geral

Expandir o aprendizado sobre o movimento indígena e suas lutas na contemporaneidade por meio de metodologias ativas, de modo a envolver os estudantes diretamente na construção do conhecimento.

Objetivos Específicos

- Visibilizar personalidades indígenas atuantes na sociedade, preferencialmente as personalidades locais, fomentando o debate sobre as temáticas indígenas na escola;
- Utilizar os fanzines como ferramenta para construir e disseminar informações sobre os povos originários e personalidades ligadas ao movimento social indígena, sobretudo artistas e rappers;
- Contribuir para a formação cidadã dos estudantes envolvidos, para a redução de preconceitos e para a valorização do movimento indígena.

Desenvolvimento

A preparação e orientação para a atividade foi ministrada durante as aulas de Sociologia e História, inicialmente prevendo um tempo de desenvolvimento de quatro semanas, mas que acabou se concretizando em cinco semanas devido a questões logísticas da escola (feriados, atestados médicos e indisponibilidade de materiais). Para introduzir o assunto junto aos alunos, foi realizado um debate sobre etnocentrismo, alteridade e decolonialidade atrelados à história do Brasil. Para tanto, o conteúdo referente ao tema foi ministrado tanto nas aulas de Sociologia como nas aulas de História.

De modo a ampliar o debate sobre o assunto, foi proposta a leitura coletiva do texto “*Saudações aos Rios*”, de Ailton Krenak, que integra o livro *Futuro Ancestral*, durante as aulas de Sociologia. Em seguida, foi ministrada uma aula temática de História sobre a perspectiva indígena da colonização, utilizando como recurso o primeiro episódio do documentário

² Disciplina da base diversificada da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, em efetivação nas Escolas de Tempo Integral. Tem como princípio a utilização de metodologias ativas para potencializar o aprendizado dos estudantes. Assim, o Estudo Orientado constitui não uma disciplina, mas um momento de autopercepção e orientação, onde os estudantes são postos em contato com ferramentas e técnicas de aprendizado, com a organização de suas agendas pessoais de estudo e com o aprendizado por projetos, onde desenvolvem os conhecimentos das disciplinas da base comum.

*Guerras do Brasil*³, com a participação de Ailton Krenak, que problematiza a versão etnocêntrica da chegada dos europeus ao Brasil e abre precedentes para o debate sob o ponto de vista indígena.

Por fim, de modo a diversificar o repertório dos estudantes sobre a temática e estimular a construção de saberes decoloniais, foi aplicada a oficina de fanzine nas aulas de Estudo Orientado, onde os alunos confeccionaram o material em pequenos grupos, atendendo à seguinte estrutura: uma capa temática; um desenho representando a decolonialidade indígena; um manifesto em prol do movimento indígena; imagens representando o tema; uma personalidade indígena homenageada, preferencialmente cearense; uma indicação de música indígena (rapper), com transcrição de parte da letra, indicando o artista e sua imagem; e a capa final, indicando os nomes dos membros da equipe e a turma.

A oficina se estendeu por duas semanas, sendo a primeira dedicada à pesquisa dos assuntos propostos, momento em que os alunos foram levados para o Laboratório Educacional de Informática para escolher seus materiais de referência; já na segunda semana, foi confeccionada o fanzine junto ao regente do Estudo Orientado, que auxiliou os estudantes e orientou o processo de montagem da revista. Por fim, foi pensada em uma culminância para a atividade, com a apresentação dos materiais produzidos e das temáticas escolhidas pelos estudantes.

Assim, foi feita a reserva do auditório da escola e as turmas de 1^a série do ensino médio foram convidadas para assistir as apresentações no dia 15 de abril, momento em que os estudantes que participaram da oficina divulgaram o resultado de seus trabalhos, distribuindo cópias impressas dos fanzines para os colegas e compartilhando seus aprendizados durante a experiência vivenciada. Além disso, foram exibidos os videoclipes referentes aos artistas indígenas escolhidos pelos estudantes, de modo que os estudantes-expectadores pudessem contemplar as músicas que inspiraram os trabalhos e conhecer, pelas vozes dos artistas-ativistas, a luta indígena na contemporaneidade.

Resultados

Como principais resultados obtidos com a aplicação da atividade, podemos apontar a participação ativa dos estudantes em seus processos de aprendizagem, a promoção da pesquisa científica e da produção de materiais autorais em torno das temáticas indígenas na escola,

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQBl6_pk> Acesso em: 08.02.2025

colaborando para combater preconceitos e estereótipos relacionados aos povos originários e dando visibilidade à causa indígena na atualidade.

O processo de criação dos fanzines permitiu que os estudantes fizessem a curadoria dos materiais que mais lhes despertavam interesse, de modo a montar a revista autoral. Além disso, ao trabalhar com imagens referenciais, os estudantes foram surpreendidos pela necessidade de explicar tais imagens, o que os levou a entender seus contextos e representações. Assim, os povos indígenas, muitas vezes vistos de forma pejorativa e generalizante, foram nomeados e contextualizados no fanzine, não aparecendo de forma aleatória e ocasional.

De igual maneira, ao trabalhar com o *rap* indígena, os estudantes foram levados a refletir sobre a música enquanto resistência e ferramenta para denunciar a violência, os preconceitos e o descaso enfrentado pelas comunidades indígenas no país. Tendo como proposta a apresentação dos resultados do fanzine, os alunos foram orientados a explicar os motivos que os levaram a escolher cada conteúdo abordado e comentar sobre os materiais selecionados, de modo que pudessem, de fato, exercer um aprendizado ativo e crítico sobre a temática.

Apesar de ter necessitado de mais tempo do que o previsto, a atividade foi enriquecedora e cumpriu seu papel de fomentar o debate sobre a temática indígena na escola do ponto de vista da decolonialidade, além de visibilizar personalidades e lutas indígenas da contemporaneidade. Em um ambiente escolar muitas vezes inflexível e com um currículo extenso e etnocêntrico, a atividade, sem dúvida, promoveu o protagonismo e a criatividade dos estudantes, permitindo aprendizados plurais ao colocá-los em contato com o ponto de vista dos povos originários por meio das aulas ministradas e dos materiais analisados. Enfim, a confecção do fanzine estimulou os estudantes a colocarem em prática os conceitos aprendidos, construindo um material original de divulgação da cosmovisão indígena.

Além disso, a proposta de compartilhar a experiência com os alunos mais jovens, que assistiram as apresentações e receberam cópias impressas dos fanzines, foi um fator de destaque da atividade, uma vez que mobilizou a síntese dos conhecimentos aprendidos pelos alunos participantes da oficina e a apreciação das temáticas ministradas, inspirando os estudantes-expectadores a conhecer artistas indígenas e suas lutas.

Conclusão

Trabalhar com fanzines é possibilitar aos estudantes uma experimentação, levando-os a participar ativamente de seus processos de construção de conhecimentos, além de envolvê-los em habilidades não convencionais para a realidade das escolas onde os currículos não permitem

a criatividade, a interação e a decolonialidade. Nessa perspectiva, trabalhar a temática indígena da perspectiva das metodologias ativas desafia os estudantes a levantar informações e construir saberes amparados em pesquisas, dados e observações críticas dos materiais que selecionam. Pois, assim como considera Borba (2015),

[q]uem produz um fanzine quer criar vias, meios de apropriar-se e de dialogar com manifestações sem espaço de circulação. Por meio das publicações independentes, o “zineiro” conhece, aprecia, apreende e faz parte de diferentes manifestações criando um diálogo que anteriormente não existia. (BORBA, 2015, p. 7)

Assim, a atividade foi de grande valia para fazer cumprir a Lei 11.645/2008 por meio da experiência de pesquisa, produção e compartilhamento dos conhecimentos construídos junto aos estudantes, visibilizando personalidades indígenas que normalmente não são mencionadas nas escolas e em contextos de valorização das culturas, tradições e histórias dos povos originários. Por fim, podemos concluir que a produção de fanzines é uma valiosa e interessante ferramenta para fomentar o debate sobre os povos indígenas na escola, promovendo a participação efetiva dos estudantes no processo de ensino e aprendizado, a valorização da cultura *maker* enquanto metodologia para dinamizar o ambiente escolar, despertando o interesse pela pesquisa e a divulgação de saberes e personalidades indígenas em contextos de valorização e protagonismo.

Referências Bibliográficas

BORBA, Juliana Severino de. **A Confecção de Fanzines como Recurso Didático no Ensino de Sociologia para o Ensino Médio**. Trabalho de Conclusão de Curso II - Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria: Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2625/juliana_severino_de_borba_tcc2.pdf>
Acesso em: 08.03.2025

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil**: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

FANELLI, Giovana de Cássia Ramos Fanelli. **A lei 11.645/2008**: a história de como a temática indígena passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras. Curitiba: Appris: 2021.

GOMES, Maria Gisélia Da Silva. **Cultura Maker**: Construção de Fanzines nas Aulas de História. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias - Encontro de Pesquisadores em Educação e Tecnologias (2022). Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2022/article/view/2002/1611>> Acesso em: 08.03.2025

GRAÚNA, Graça. **Educação, literatura e direitos humanos**: visões indígenas da lei 11.645/08. *Educação & Linguagem*, São Paulo, v. 14, n. 23/24, p. 231-260, jan.-dez. 2011.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1a. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano. **Aprendizagem colaborativa**: teoria e prática. In *Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento* (pp. 61-94). 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271136311_Aprendizagem_colaborativa_teoria_e_pratica> Acesso em: 12.03.2025